

# Estudo evolutivo: De onde partir? Buscando o quê?

*Evolutionary study: where to depart from? Looking for what?*

Ramon Queiroz Marlet comenta o artigo de Luiz Claudio Martino

## Ramon Queiroz Marlet

<https://orcid.org/0000-0002-7867-2232>  
ramonmarlet@usp.br

Doutorando e Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP (2016); pesquisador do Centro de Comunicação e Ciências Cognitivas da USP (4C-USP); especialista em Gestão de Comunicação e Marketing pela ECA/USP (2012); graduado em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela FAAP (2009). Tem experiência nas áreas de Comunicação e Ciências Cognitivas, atuando principalmente nos seguintes temas: fluxo emocional narrativo, comunicação de risco, psicofisiologia, neurociência do consumo e análise de dados/estatística aplicada à comunicação. Fez estágio de doutorado sanduíche na Indiana University (Institute for Communication Research/Media School), sob orientação do Prof. Dr. Robert F. Potter.

<http://lattes.cnpq.br/0964046085613512>

O artigo em questão visa analisar, a partir da tríade ontologia, história e teoria, a evolução do conceito de comunicação como fator constitutivo de seu próprio campo de investigação. Ao longo do texto fica claro que tal evolução é marcada por uma série de contradições diversas, as quais evidenciam as dificuldades encontradas em se estabelecer certas unidades em uma área tão multidisciplinar quanto a comunicação. Nesse sentido, o presente relato objetiva oferecer alguns questionamentos adicionais ao conteúdo exposto, no intuito de se estabelecer um diálogo em um assunto tão importante para a epistemologia da comunicação.

## 1. Por que um estudo evolutivo do conceito de comunicação?

Inicialmente, o autor parte da necessidade encontrada de “definir um objeto de estudo para uma área

de conhecimento, no sentido de pensar problemas que articulem diferentes tradições de pensamento”. Tal iniciativa vai de acordo com um interessante estudo feito por DeAndrea e Holbert (2017), no qual é destacada uma outra necessidade de clarificação na apresentação e avaliação crítica de avanços teóricos no campo da comunicação, com o objetivo, por vezes negligenciado por seus próprios pesquisadores, de se estabelecer uma linguagem comum a ser compartilhada para facilitar a construção discursiva de seus interlocutores. Em suma, pesquisadores que adotam diferentes abordagens epistemológicas para o estudo da comunicação humana também devem tornar o mais claro possível o que constitui uma contribuição significativa e como transmitir de forma mais eficaz tais contribuições aos demais estudiosos.

Assim, a construção teórica comunicacional se estabelece como um processo social mediado de geração do conhecimento (Casmir, 2013), e o acompanhamento evolutivo/histórico de seus conceitos se mostra de fundamental importância para demarcar “de onde viemos”, “como chegamos até aqui” e “para onde iremos”. Entretanto, como apontado por Martino, “definições correntes do processo de comunicação não contemplam os aspectos históricos”, sendo este um problema a ser considerado. Seguindo essa linha, um questionamento: em iniciativas futuras de pesquisa, de onde partir?

## 2. Qual a principal característica constitutiva dessa evolução?

Considerando o exposto no artigo de Martino, se pudéssemos sinalizar a principal característica que marcou tal evolução, diríamos que esta seria a tensão. Como apontado, a dificuldade encontrada em se achar certa unidade conceitual se deu logo no início da formação do “campo”, mais especificamente no embate entre formulações

ontológicas e históricas. Com o passar do tempo, surge a abordagem comparativa, na qual “admitem-se variações no conceito de comunicação, modalidades, tipos de comunicação, sem prejuízo para um conceito genérico”. Sendo assim, podemos dizer que, nesse caso, a tensão gera unidade/estabilidade? Nesse ponto, questionamos se realmente não há prejuízo para tal conceito, ao destacar alguns fatores sinalizados em estudos recentes que merecem nossa atenção.

De acordo com Wang (2018), o campo da comunicação está preso em uma difícil situação: de um lado, temos um paradigma de pesquisa ineficiente e rapidamente desatualizado (Lang, 2013) e, de outro, um risco de “superconexão”, diversificação e fragmentação, principalmente quando surgem novas áreas temáticas de estudo com projetos de pesquisa mais sofisticados (Corner, 2015). Na sequência iremos detalhar um pouco mais cada perspectiva.

Em seu artigo, Lang (2013) utiliza uma abordagem paradigmática kuhniana para questionar a efetividade do paradigma dominante nos estudos de comunicação, o qual seria um fator gerador de unidade/estabilidade entre pesquisadores. Para Kuhn (1996), um paradigma deve ser uma conquista científica de excelência extrema, a qual atraia seguidores dispostos a adotar suas suposições, métodos e questões fundamentais. O paradigma, portanto, deve fornecer ao pesquisador: (a) uma compreensão da natureza fundamental do objeto estudado; (b) com base nessa natureza fundamental, os cientistas inventam maneiras novas, particulares ou específicas de observar o mundo; e (c) como resultado dos dois primeiros, aqueles que compartilham o paradigma também compartilham concordância sobre quais são as principais perguntas que devem ser feitas sobre o fenômeno em questão. Consequentemente, quando um paradigma dominante começa a ser questionado, seu campo entra em crise, o que significa que, embora haja um paradigma, ele não está levando adiante com sucesso o empreendimento científico, seja porque não consegue mais acompanhar as observações do mundo e/ou falha constantemente em aumentar nossa compreensão sobre esse mundo. As várias discordâncias e tensões apontadas por Martino nos indicam que cada abordagem considerou um paradigma diferente ao longo do tempo, o que dificulta o encontro rumo a uma unidade no sentido de se estabelecer um paradigma realmente dominante, que, em certo sentido, incorpore pelo menos um aspecto constitutivo de todos os outros. Assim, a análise histórica nos indica que os paradigmas até então existentes podem ser considerados como excludentes.

Para Lang (2013), o maior sinal de crise paradigmática no campo da comunicação se deu exatamente pelo seu afastamento das ciências sociais, em favor da adoção de

uma abordagem mais crítica e cultural. Tal afastamento prejudicou a dupla fundamentação das definições históricas proposta por Martino, já que “as ciências sociais se servem do saber histórico para formular seu objeto, entender sua singularidade e definir seus principais traços. Permite se afastar da realidade imediata para melhor compreendê-la”. Sem o auxílio das ciências sociais, a discussão teórica fica calcada apenas em conceitos “ontológicos” e não em “definições conceituais”.

Por outro lado, Corner (2015) examina os contextos divergentes no campo da comunicação ao apontar futuras desconexões entre as áreas conceituais, independentemente da qualidade dos avanços teóricos específicos alcançados, e também que iniciativas *cross-field* dificilmente melhorarão a coerência fadada a uma dinâmica dispersiva. O autor indica três fatores-chave desse processo: (1) uma divisão entre as abordagens das artes e das ciências sociais sobre a mídia e comunicação continua. Nesse sentido, outras áreas relacionadas, principalmente as humanidades, também estudam e definem a comunicação de várias maneiras, cujo impacto é sentido em seu significado social, na subjetividade e na identidade de maneiras que diferem acentuadamente da tradição sociológica em conceitos e abordagens centrais, como no caso da fotografia, cinema e televisão; (2) o panorama intelectual e acadêmico em que ocorre o engajamento com a “comunicação” tem despertado interesse marcante pela teorização dos processos midiáticos mostrados por disciplinas fora do enquadramento dos estudos de mídia e comunicação, como acontece com a política, história, sociologia e literatura (novas mídias). Essa mudança não é de modo algum conclusiva, mas criou um cenário mais complexo e competitivo de atividades aproximadas, dentro do qual qualquer coerência e identidade “de campo” melhorada deve ser desenvolvida para o trabalho teórico central em mídia e comunicação; (3) um conjunto mais amplo de fatores que impedem a consolidação teórica e melhores níveis de conscientização *cross-field* é a consequência do rápido crescimento na economia do conhecimento acadêmico, o que pode gerar uma tendência de especialização ou subespecialização demasiada, ou ainda uma “superconexão” no sentido de fornecer abordagens muito vagas que impeçam um avanço mais significativo e efetivo dentro campo da comunicação.

Desse modo, esse espaço de muitas teorias acaba por gerar dispersão, como é possível visualizar nas 19 categorias que compõem o universo da comunicação indicadas por Martino, onde cada uma delas “traz um posicionamento particular e uma visão que configura a comunicação ao introduzir certos parâmetros que necessariamente têm implicações sobre sua natureza”. Assim, como gerar unidade no processo de comunicação a partir de tamanha variação?

### 3. Como lidar com a persistência ontológica no campo?

De acordo com Martino, “a maior trincheira na qual vigora o conceito ontológico de comunicação está relacionada à noção de sujeito”, cuja influência é marcada por dois extremos quanto ao diálogo na comunicação: de um lado, trata-se de um processo sob o controle de sujeitos livres, e de outro temos a incomunicabilidade. A persistência ontológica no campo, assim, aparenta reforçar sua tensão estabelecida. Portanto, como lidar com essa questão?

Ao nosso ver, uma das possíveis respostas vem de Wang (2018). Para a autora, a análise dos padrões de debates mais recentes em comunicação aponta para uma influência direta de um dualismo ontológico cartesiano, cuja influência persiste desde os estudos de Lasswell até o presente momento. De acordo com o dualismo, o mundo é dividido em duas categorias mutuamente excludentes, opostas e dicotômicas, com uma lacuna intransponível entre elas. Das duas, uma é muitas vezes considerada superior e mais digna de perseguição, inflando sua importância. Ao conceituar e analisar os processos de comunicação, o dualismo cartesiano forneceu, em essência, uma solução “um-serve-tudo”, sem nenhuma área de intersecção entre eles. A questão é se as distinções entre conceitos emparelhados podem se manter em processos dinâmicos de comunicação, já que elas tipicamente envolvem fatores que mudam e transformam, distorcendo os limites ao longo do tempo. Essa tendência centralizadora em conceituar os processos de comunicação impediu que a mídia fosse analisada como uma plataforma, moldada e usada pelos atores em ambas as extremidades do processo. A autora aponta ainda mais dois problemas causados por essa abordagem: o fato de não ser incomum que a pesquisa enfocada em uma área ignore totalmente as discussões e descobertas do “campo oposto”, e também que o par dualista repetidamente falha em explicar as mudanças ou explicar as variações entre os “extremos”. Esta tendência tem gerado argumentos teóricos que oscilam entre posições opostas em um determinado problema.

Assim, para impedir o dualismo ontológico de compensar esforços para expandir o escopo de nossa pesquisa e desenvolver formas mais eficazes de resolver problemas, são necessárias mudanças na forma como conceituamos os processos de comunicação. Nessa linha, dado que o dualismo ontológico nos direciona a examinar os processos de comunicação em *frames* estáticos, Wang (2018) propõe a adoção de uma estrutura ontológica dinâmica, a qual deve refletir pelo menos duas características principais: (1) deve-se reconhecer a “mudança” como um estado normal e natural das coisas, ao questionar em que medida tais mudanças ocorreram. Com a mudança

e a continuidade sendo dois lados da mesma moeda, os padrões de mudança ao longo do tempo emergem como uma importante área de observação; (2) a mídia precisa ser vista como uma plataforma usada e modelada de diversas formas por diferentes atores para se tornarem elementos importantes no funcionamento dos tecidos sociais. Tal como acontece com a abordagem dos sistemas dinâmicos, o centro de atenção não é a influência unidirecional, mas sim a interatividade. Desse modo, adotar uma abordagem dinâmica pode ser uma interessante alternativa para estudar questões ontológicas na comunicação, como no caso dos sujeitos.

### 4. Para finalizar

De um modo geral, o artigo de Martino apresenta uma interessante e necessária perspectiva sobre a evolução do conceito de comunicação ao longo do tempo. Ao nosso ver, tal trabalho pode ser considerado um verdadeiro chamado à ação, e iniciativas como essa, como indicado por DeAndrea e Holbert (2017), permitem que: (1) as forças e fraquezas de uma teoria existente sejam evidenciadas na literatura, permitindo um debate mais fundamentado entre os pesquisadores; (2) uma contribuição potencial tenha a capacidade de se tornar mais alinhada com a literatura existente, permitindo que nosso conhecimento se acumule ao longo do tempo; (3) julgamentos mais informados possam ser feitos se uma contribuição potencial reflète o tipo de avanço digno de inclusão em nossa comunidade de ideias, permitindo que um trabalho mais fraco seja descartado com menos erros; e (4) o campo possa ganhar um senso maior de si mesmo, permitindo que a disciplina se torne mais eficaz, autodeterminada e conhecedora de seus pontos fortes e fracos.

### Referências

- CASMIR, Fred L. 2013. *Building Communication Theories: A Socio-cultural Approach*. New York, Routledge.
- CORNER, John. 2015. The Many Spaces of Theory: Perspectives on a Dispersed Future. *Communication Theory*, **25**(4):416-419.
- DEANDREA, David C.; HOLBERT, R. Lance. 2017. Increasing Clarity where It Is Needed Most: Articulating and Evaluating Theoretical Contributions. *Annals of the International Communication Association*, **41**(2):168-180.
- KUHN, Thomas S. 1996. *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago, University of Chicago Press.
- LANG, A. 2013. Discipline in Crisis? The Shifting Paradigm of Mass Communication Research. *Communication Theory*, **23**(1):10-24.
- WANG, Georgette. 2018. Media Communication Research in the Digital Era: Moving Beyond Ontological Dualism. *Communication Theory*, **28**:235-253.